LISBOA — SABADO, 28 DE MAIO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.° — N.° 45 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.°
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

ALGUNS bancos estrangeiros e tambem portuguezes, mas fortemente imiscuidos de estrangeirismo, mostram uma pronunciada disposição para manter o agravamento do cambio, aproveitando-se da sua situação vantajosa, num paiz de moeda depreciadissima como o nosso, pois que podem com um simples punhado de ouro comprar uma montanha de papel.

Dado o *deficit* da nossa balança comercial, em que as importações do Estado comerciante ocupam um lugar de primeira, é fácil aos especuladores saber, sem erro possivel, quando é que aquele tem de fazer os seus pagamentos, para assim exercerem as suas artes maléficas.

Não poderá o governo intervir no assunto, já castigando os cubiçosos sem escrupulos, já preparando uma lei que seja a nossa defeza, perante a rapacidade dos que, na nossa própria casa, nos exploram?

* * *

EMBORA o sr. ministro das finanças, como era de esperar, ainda nada tenha dito sobre o emprestimo dos 50 milhões de «dollars», consta-nos que S. Ex.ª não manifesta um grande entusiasmo pela operação. Será verdade? Tambem se diz que, além de trigo e carvão, o governo se propõe comprar bacalhau para abastecimento publico. Se assim fôr, talvez tambem não seja mau adquirir alguns chicotes de pita, que são cá muito necessários.

Citam-se como negociadores portuguezes do emprestimo, o Banco Mercantil com Manuel de Noronha e, porventura, o B. N. Ultramarino.

* * *

ALGUNS financeiros, e dos que mais apoiam o regime, estão no propósito de negociar com o Banco de Portugal uma operação financeira tendente a entregar a este uma grande parte dos bilhetes do tesouro pagos pela Alemanha, para figurarem como reserva-garantia da nossa circulação fiduciária.

* * *

NA segunda-feira, aparecerá á venda, em todas as livrarias, o *Sentido do Atlantico*, o novo livro do dr. João de Barros, que a casa Aillaud publicou com apurado gosto.

* * *

CORRE que o sr. Machado Santos tem tido algumas conferencias com vultos notaveis dos partidos democrático e popular—o que parece dar a entender que o fundador da Republica pensa em se aproximár dos partidos regulares do regime.

* * *

Segunda-feira publicaremos o depoimento do dramaturgo sr. Victoriano Braga, sobre a peça «Adão e Eva».

* * *

O sr. Artur Brandão, socio da livraria Portugal-Brasil, acaba de adquirir por 780 contos o palacio Mayer, que faz a esquina da rua do Salitre para a Avenida.

Dizem-nos que o sr. Artur Brandão é um simples delegado de um grupo de capitalistas que pretende utilisar o predio como hotel.

O directorio do P. R. C. enviou um oficio-consulta a todos os organismos politicos, convidando-os a indicar ao governo os nomes dos vultos que elegem para governadores civis.

Eloquencia dos numeros
ou a
arimetica do nosso destino

Circulação fiduciaria e reservas metalicas

Anos	Circulação fiduciaria	RESERVAS METALICAS			Proporção da reserva com a circulação
		Ouro	Prata	Total	
	Em 31 de Dez.°				
1908	70.162.028$87,5	5.308.270$50,0	3.888.383$500	9.196.654$000	13,1
1909	70.032.156$37,5	5.613.474$34,3	6.459.881$[illegible]00	12.073.456$143	17,2
1910	78 071.498$87,5	6.132.462$23,8	4.718.072$200	10.850.498$438	13,8
1911	82.421.471$87,5	6.530.626$451	6.024.931$400	12.555.557$851	15,2
1912	84.603.039$37,5	7.020.589$674	8.335.445$000	15.356.034$574	18,1
1913	86.559.240$375	7.533.756$180	8.708.208$700	16.241.964$880	18,7
1914	96.458.984$375	8.017.216$41	5.628.878$40	13.646.094$81	14,1
1915	115.019.948$375	8.509.547$01	3.428.543$60	11.938.090$61	10,3
1916	140.377.915$375	8.557.686$00	3.264.599$00	11.822.285$00	8,4
1917	193.131.127$375	8.570.659$085	12.577.686$20	21.148.345$285	10,4
1918	273.834.164$50	8.572.546$66	16.872.584$65	25.445.131$31	9,2
1919	370.621.199$50	8.575.444$76	17.644.706$50	26.220.151$26	7,0
1920	611.002.358$50	8.576.650$41	17.644.471$05	26.221.121$46	4,2
	Em 4 de Maio				
1921	646.706.099$00	8.577.130$81	17.660.598$95	26.237.729$76	4,0

Continuamos a recomendar aos leitores do *Diario de Lisboa* a leitura destes numeros que andamos publicando, afim de que o país tenha sobre a sua situação ideias claras. A' medida que a circulação fiduciaria cresce diminue a garantia da reserva metalica — o que equivale a dizer que se lhe retira o sangue e a vida. A nota inconvertivel e o «déficit» da balança comercial explicam suficientemente a maior parte dos fenomenos que ilustram a nossa decadencia economica e a nossa penuria financeira.

ENTRE DOIS PINTOS

Pinto Calçudo—Oh compadre, não ouviste um estoiro? Será a revolução?
Pinto Lambas—Não me parece... As revoluções agora fazem-se, assoprando pelos buracos das fechaduras.

HAROLD Hammon, norte-americano, desnorteado, está preso em Nova York, acusado de ter contraido onze vezes matrimonio.

Este profissional do casamento tem esposas naquela capital, em Filadelfia, Hoboken, Midland Beach, Newport News e Beath Bitch. Harold tem vinte anos. Começou, portanto, muito cedo a dedicar-se á carreira nupcial.

Contesta agora vibrantemente o direito dos juizes que pretendem julgá-lo pelo crime de bigamia.

— As minhas onze esposas provam á evidencia que não sou bigamo! — exclama, cheio de razão.

E acrescenta:

— Que culpa tenho eu de que todas as mulheres queiram fazer de mim seu marido? Elas é que devem ser condenadas.

Harold perfilha o criterio de que não tem culpa de ser bonito.

O tribunal deveria absolvê-lo.

Onze casamentos, onze mulheres, onze sopas, talvez...

Não será mais que suficiente como condenação?

* * *

ANTE-ONTEM, pela tardinha, o sr. dr. Bernardino Machado, durante uns momentos em que repousara de dormir, sonhou-se novamente ministro provisorio da Agricultura e telefonou para o sr. Acrisio Canas, interrogando-o ácerca de um decreto que diz respeito ao diagrama do pão.

Gentilmente lhe respondeu o sr. Canas que o novo ministro ia resolver o assunto. E, abandonando irritado o auscultador, comentou:

— E' um homem como tenho visto poucos, este Bernardino!

* * *

O PARTIDO democratico está seguindo a orientação que lhe traçou o sr. dr. Afonso Costa. Encontra-se disposto a passar para a oposição, onde se conservará tanto tempo quanto seja necessario para que o partido liberal se fortaleça.

* * *

Há um incendio — arde tudo.

A agua falta sempre á chamada. Em compensação, não deixa nunca de comparecer o sr. Carlos Pereira, director da Companhia.

Mas, se atendermos a que, em caso de sinistro, nenhum predio se salva, hemos de concluir que o sr. Carlos Pereira é um péssimo «Minimax».

E' que nisto de incendios, a eloquencia, por muito aquática que seja, ateia chamas em lugar de apagá-las.

Falta-lhe um elemento essencial — a pressão...

* * *

Por lapso de paginação, sairam sem os titulos «Canção» e «Aleluia das horas» duas das composições que publicámos, da autoria do notavel poeta Augusto Casimiro.

* * *

A QUESTÃO dos governadores civis, que tanto atormentou os ultimos dias do gabinete Bernardino Machado, começa a dar agua pela barba ao novo governo. Mais uma vez a reedição do «Hissope»!

O NOSSO INQUERITO

"Adão e Eva"

Meu bom amigo. — Quiz honrar-me solicitando a minha opinião sobre a peça do sr. dr. Jaime Cortesão, ainda que eu não seja homem de letras, nem dramaturgo. Mas, já que julga que algum valor pode ter o meu modo de ver, acedo com prazer ao seu pedido.

«Adão e Eva» pertence por direito próprio ao género de teatro chamado de ideas.

Não quero discutir se a denominação é a que convem ao grupo. E' o género de Descaves, de Mirbeau, de Brieux, Bouhélier e outros. Dentre as peças deste género, a de Jaime Cortesão destaca-se com relêvo, ainda que tenha, com as qualidades, os defeitos das suas congéneres. Possui, não obstante, mais vôo espiritual do que elas, é mais «teatro» e não lhes fica atraz em valor literario, o que é motivo de sobra para que este original português seja recebido, entre portugueses, com verdadeira simpatia.

«Adão e Eva» traduz com brilho emotivo o estado de ansiedade da época em que vivemos. Nela perpassa a inquietação dolorosa, a interrogação angustiosa do futuro. E' uma peça com as janelas abertas sôbre a vida; nelas se ouve o rumor de ruinas que se desmoronam e por elas entra um cheiro de primavera que deseja florescer.

Jaime Cortesão não seria um poeta nem um dramaturgo se a peça não traduzisse o sentimento tragico da vida, se ela não exprimisse a contradição real que existe entre as nossas aspirações e o mundo que nos rodeia, tão contrário a ela; e se não significasse a ansia dolorosa de melhorar a existencia. Mal iria á peça se procurasse resolver o problema. A arte é obra de emoção e de presentimento. A obra de arte sente e anuncia, mas não resolve. E' o defeito das peças chamadas de ideas pretender solucionar os problemas sociais e converter-se num manual de economia social para uso das plateias. A peça de Jaime Cortesão evitou esse defeito.

A sua «Arvore da vida» é um simbolo, um sonho, por detraz da qual caminha, sedento de ideal, de beleza e de verdade.

Não desce, felizmente, o dr. Jaime Cortesão ao prosaismo de dizer-nos, como o faz em geral o teatro de ideas, se essa arvore há de ter tais ou tais frutos.

A unica coisa que Jaime Cortesão nos diz, e isso diz-no-lo com valor, com clareza, com firmeza, é que para chegar a abrigar-nos sob a arvore da vida, é preciso que se cale dentro de nós a fera primitiva que ainda ruge. Eis aí, para mim, a idea dominante da peça: «as verdadeiras revoluções não podem fazer-se senão nas almas», o que equivale a dizer, em termos de educador, «que as grandes reformas sociais não são possiveis nem factiveis, emquanto elas não tiverem por base a reforma espiritual do individuo».

Eu, que tenho consagrado toda a minha vida á educação, aplaudo com toda a minha alma o belo principio que substitue aos processos revolucionários os processos de lenta e dolorosa construção. E' o homem que é preciso reformar, se queremos que a «humanidade» se desprenda da ganga impura que ainda hoje o rodeia e aprisiona.

E é isso o que convem dizer nesta hora turva e imprecisa a todos quantos esperam com impaciencia a eclosão de um mundo novo. O primeiro dever do homem é lutar contra si próprio, contra a animalidade primitiva que ainda leva em si. As primeiras cadeias que temos de romper são as nossas, as cadeias interiores que nos prendem ao mal. E' isso o que convem dizer ás massas; não é lisonjear os seus instintos, nem lançá-los para a fogueira. E' educá-las, fazer-lhes compreender que o futuro se conquista por uma trágica ascensão sôbre nós mesmos e que a beleza, a verdade, a justiça e a humanidade não são mais do que palavras, senão forem «vividas», realisadas dentro de nós mesmos.

E' uma scena de alta beleza humana, essa, da peça do dr. Jaime Cortesão, no 2.º acto, quando Marcos volta da revolução, escorraçado, perseguido pelos seus companheiros de luta. Um sopro de tragédia sacode essa scena. Marcos compreendeu, quando viu que a revolução era o saque, o incendio, a ferocidade dos instintos elementares desencadeados só para destruir, que o seu sonho de vida melhor não era esse. O que ele tinha sonhado era «a grandeza livre e generosa de um ideal cristão», feito de bondade e de beleza fraterna. E, no fundo, o que viu de ambos os lados, foi a fera aprisionada rugindo com rancor, de olhos chamejantes, de garras aguçadas. E Marcos abandona os revolucionarios, fica sósinho no meio de todos, dentro da sua amargura, da desilusão que lhe causa a visão de tanto horror, a ele que com uma ingenuidade de iluminado não tinha contado com o animal ancestral. Então compreende que é só nas almas que pode viver a arvore da vida, que é só nos espiritos que se podem acender as estrelas de um universo novo.»

«Adão e Eva» mantem durante os três actos o interêsse do espectador num estado constante de alarme e de vigia, de espera do desenlace. Não se pode negar que isso não seja verdadeiro teatro e que essa qualidade não a possua a peça num alto grau. Cada acto, por si, além do interêsse geral e fundamental, para o qual vai contribuindo, tem um interêsse próprio, tem uma alma sua, uma vida sua. E isso constitue outra rara qualidade técnica da peça, bem construida, bem proporcionada e equilibrada, que faz com que realise, além da unidade de acção, de tempo e até de lugar — em parte — a harmonia artistica dentro da variedade dos conflitos, das situações e dos personagens.

Não quero terminar sem dizer algumas palavras das personagens. Marcos é a figura dominante da peça. Está desenhada com vigor. E' o tipo do idealista com a sêde insaciavel de principios, um iluminado com fome de infinito. E' um apóstolo férreo e doloroso, com a paixão das ideas, com a visão romantica e lirica dos homens e das coisas. Humano no primeiro e no segundo acto, é um super-homem no terceiro, quando proclama «o direito de fazer sofrer».

Deixa de ser um homem para ser uma criação do espirito.

Domingos é uma figura que não tem a linha, a firmeza, a inteligencia do que se chama o burguês, não tem a grandeza e o relêvo que deveria ter, não é o burguês, é um burguês que não se esqueceu ainda de que foi marçano.

A figura do cónego está traçada com fervor. Suzana, a «Eva» dolorosa, submetida aos mais duros e trágicos conflitos, em presença dos casos de consciencia mais angustiosos, sobe o seu calvário, eterna sainificada, em pós o amor que a arrasta, que a vence, subjugada pela fôrça viril que irradia de Marcos, no contágio poderoso da sua masculinidade absorvente.

Faria de Vasconcelos

(NOTAS E COMENTARIOS)

A vol d'oiseau

Há horas na minha vida, dias inteiros em que me sinto viver para outras horas, para outros dias.

Tenho passado os ultimos anos da minha existencia á espera... Se eu pudera reunir no «écran» do meu Passado as horas lindas, desprezando as feias, eu vêr-me-ia, embora em curto «film», a creatura moralmente mais bela de todo o Mundo. Mas se depois de o ter visto deslizar ante a minha retina maravilhada eu quizesse vêr o reverso da medalha, fazendo correr o «film» das horas más, eu teria remorsos de expiatório condenado, remorsos de mim próprio.

Hoje que a minha sêde de mais e melhor me levou a debruçar nas aguas em que Narciso se olhou para beber-se e que alfim a minha consciencia deparou um espelho em sua luminosa superficie, sei já corrigir as minhas atitudes e os meus actos consequentes.

Assim, á falta de oportunidade para um gesto de beleza, tendo aprendido a não quebrar a estética de uma atitude, deixo petrificar o meu sonho como esfinge em deserto. Como ela, espero a grande hora de todas as horas. A Hora transcendente, a Hora branca que o dr. Alfredo Pimenta cantou no seu «Livro das Sinfonias Mórbidas», poesia que é para mim a mais alta expressão de beleza de toda a sua obra até hoje publicada.

* * *

Dentro da mesma quinta em que eu hábito, a residencia da já notavel pianista mademoiselle Irene Gomes Teixeira fica a dois passos da minha.

Quási todas as manhãs, á fresca sombra das árvores do parque da quinta sobre que deitam as janelas da sua casa, e em frente ao mar, eu trabalho, escrevendo, ouvindo-a trabalhar, tocando.

Os efeitos, «nuances e ritmos novos, que mesmo ao estudo lhe tenho ouvido tirar dessa comoda de guardar valsas, com que o genio irónico de Junqueiro tão injustamente apostila o piano, essa creação admiravel, que desde Marius, em França, e Cristofori, em Itália, tem passado da sua mecanica primitiva, por mil transformações, á forma dinamica d'hoje, obrigam-me, por vezes, a suspender a minha emoção, tocado pela magia da sua. Mas quando a sua amabilidade e transigencia se dignem fazer-me ouvir em sua própria casa os melhores trechos dos melhores autores, a minha admiração pelo prodigioso virtuosismo de mademoiselle Irene Gomes Teixeira cresce e alastra em meu sentido auditivo, tocando quási as raias do fanatismo.

Senhora absoluta da mais segura técnica musical e de uma intuição ritmica maravilhosa, mademoiselle Irene Gomes Teixeira tem todas as qualidades precisas para poder impôr o seu nome como artista, e o de Portugal como paiz culto e de tradições, em qualquer dos paizes em que actualmente é frequente encontrar alusões pouco lisongeiras para o brio do nosso Nome.

Que esta necessidade de divulgação de valores se sobreponha á sua modestia, tornando-se-lhe evidente, é apenas o que resta esperar da sua consciencia de artista sub-inconsciente.

Quando se tem o talento que possue mademoiselle Gomes Teixeira não há o direito de o trazer por casa como a uma simples jarra em que emurchessem flores.

* * *

A' porta da livraria Portugalia, precisamente na ocasião em que eu olhava a exposição do livro «Tantalo», que na montra principal se exibe ao grande numero dos que passam indiferentes e ao numero restrito dos diferentes que passam, entregaram-me ontem um exemplar deste livro, que o seu autor, o poeta Americo Durão deixara para mim.

Devo confessar que foi com justificado interesse que, nesse mesmo instante, comecei a manuseá-lo pelo conhecimento que eu tinha já de alguns sonetos nele inscritos e que o seu autor me havia marulhado, por vezes, naquela sua dicção que lembra, ora o Mar regougando os seus poemas á Noite, ora o Vento ciciando a sua mágua errante, ora os soluços das fontes.

Prefacia este livro o dr. Leonardo Coimbra.

Eu sou de opinião que o melhor prefácio de um livro é o seu próprio titulo e o nome que o subscreve.

Americo Durão não o entendeu assim, mas inteligentemente soube eleger um espirito que comentasse a génesis da sua obra, com a incontestavel autoridade intelectual do ilustre autor do livro: —A Alegria, a Dôr e a Graça, o artista-pensador em cuja expressão ideológica encontro, por vezes, uma evidente afinidade artistica e um manifesto parentesco literário com o autor do «Tantalo».

Americo Durão é um poeta-inato; destes poetas para quem a Poesia é um penhor da Eternidade, tronco e raiz desabrochando em flores. Faz versos pela mesma razão porque as roseiras dão rosas, os pomares dão fruto e os sóis irradiam.

Mas o que nas roseiras, nos pomares e nos sóis é divina inconsciencia organica, é na complexão moral deste Poeta, ingénita e intuitiva consciencia.

Não têm estas breves palavras intuito de critica que bem merecem as obras que como o «Tantalo» se recomendem por seu valor intrinseco a que esta secção, por sua exiguidade de espaço, não permite.

Quero apenas gritar, publicamente, a minha admiração pelo talento creador deste meu camarada e amigo, felicitando-o, vivamente, por este livro em que a totalidade dos sonetos que insere tem o equilibrio estético e a elevação filosófica do que abaixo transcrevo:

II

Não bordes mais, não bordes, meu Amôr,
Não sonhes, para quê? de nada vale...
A alegria que pões no enxoval,
Hás-de pagá-la, seja como fôr!

Tu és a dôce, a casta, a sem egual!
A tua alma é o sonho duma flôr...
Mas, anjo, no fim de tudo há só a Dôr:
O Bem é o caminho para o Mal!

Sob os teus dedos longos e afilados,
A suave brancura dos bordados
Eleva-se num gesto de harmonia...

Sorris. A tua mão pára suspensa...
E ao sonho que em teus olhos se condensa,
Desmaia a Dôr nos braços da Alegria!

Augusto de Santa Rita

O aniversario de "A Patria"

O sr. dr. Nuno Simões com um grupo de redactores e colaboradores do seu jornal

Todas as senhoras elegantes
COMPRAM MUSICAS NA CASA
Valentim de Carvalho
Rua da Assunção, 39

ARTE & LETRAS

VEVA DE LIMA

A Mulher e a Artista

A casa de Veva de Lima é o seu ultimo «vient-de-paraître», uma edição de luxo, obra de que só existe um exemplar em poder da autora. A escadaria é «fauve», com os degraus cobertos de peles de tigre, de peles de pantera, de peles de onça... E' uma escadaria feroz, uma escadaria felina... Veva de Lima defende-se. Para chegar até ela, é preciso atravessar uma floresta, uma floresta ameaçadora. Sobem-se as escadas de Veva de Lima com o receio constante de tropeçar, de cair sobre um degrau, de ficar embrulhado, encantado, para todo o sempre, na pele d'alguma fera...

Atravessadas rápidamente duas ou três salas que se riscaram nos meus olhos como fósforos de côr, eis-me, por fim, na sala verde onde Veva de Lima me recebe, sala onde as suas frases são cravos de papel sobre os mangericos que forram as paredes...

Veva de Lima, «phaléne» de azas de sêda, a esvoaçar numa «écharpe», uma «écharpe» onde rugem as côres, como num temporal, dá-me a esmola dos seus dêdos, estende-me um braço, um braço ritmico, cadenciado, um braço que foi o remo daquela hora-gondola...

Veva de Lima, que lembra um Filipino Lipi na testa larga e no rosto alongado, parece, por vezes, uma página de d'Annunzio feita carne, uma página que sobejou da glória do poeta, que eu quero ter a glória de fixar...

O primeiro gesto de Veva de Lima é apunhalar o jornalista, deixar apenas o poeta:

—Perdôe-me, sim? Eu não quero ser entrevistada... As entrevistas são cartazes. Eu detesto a publicidade...

—Eu não a venho entrevistar, eu venho ouvi-la sem condições, sem preguntas indiscretas...

—Sabe? Tenho uma grande simpatia pelo seu jornal. E' o jornal do momento, um jornal que faz a soma dos acontecimentos, que despreza as parcelas, que dá, apenas, aos seus leitores, o resultado da soma... Tenho-me furtado sistemáticamente, ao contacto com os jornalistas. O *Diário de Lisboa*, porém, enfeitiçou-me... Senti que não tinha o direito de me recusar a ele...

—Creia, que o *Diário de Lisboa* sabe corresponder a essa simpatia. A minha presença aqui é uma demonstração do que afirmo. O *Diário de Lisboa* quiz que Veva de Lima fôsse entrevistada pelo mesmo jornalista que foi a Fiume entrevistar D'Annunzio...

—Gosta de D'Annunzio?

—Como gosto de mim...

—Eu tambem o admiro, tambem o sinto, mas não concordo com a sua arte... Os seus livros adoecem a humanidade. O tempo há-de destruí-los, quanto mais não seja, por higiene...

—E' estranho... Eu supunha que a escritora do «Ultimo Lampadario» fôsse uma admiradora de D'Anunzio, que fôsse de quando em quando, á sua obra, como a um retábulo, adorar-lhe as imagens...

—A atitude de D'Annunzio para com as mulheres, para com a moral, enerva-me, repugna-me...

—As mulheres que passaram pela vida de D'Anunzio, hão de ficar... Que mais desejam elas?... Quanto á moral, D'Annunzio tem recursos para inventar uma moral nova, para desprezar a de todos...

—Deixemos D'Annunzio... Ele já é demasiado grande. Dispensa bem que nos ocupemos dele. Pensemos em nós. Qual a cidade que mais o impressionou em Itália?

—Florença, rosa de todos os tempos, rosa que os Medicis regaram de beleza e nunca mais secou...

Veva de Lima—corpo de florentina com uma veneza na alma—imensamente «Lys rouge», comunga no meu entusiasmo por Florença:

—Tem razão, meu amigo. Tambem eu amo Florença. Tambem eu a recordo, com saudade, essa Florença tão velha e tão alegre, essa Florença que é uma menina de cabelos brancos...

—Florença é na Itália um frasco de perfumes, o perfume da Renascença...

—Perdôe-me se eu inverto os papeis. Resuma-me a sua teoria de Arte...

—Eu tenho uma grande honra em ser entrevistado por Veva de Lima, uma entrevista que eu não tenho duvidas em conceder ao seu *Diário* intimo... A minha teoria de Arte cabe numa frase. Nem ontem, nem ámanhã, apenas hoje, apenas a hora, apenas o minuto... A minha Arte é um relógio certo. Nem atrazada nem adeantada... Permita-me agora uma pregunta semelhante... Quais as suas tendencias literárias? Tem uma grande simpatia pelo simbolismo?

—Esse entusiasmo já me passou. Eu hoje olho com um grande interesse o movimento dos futuristas. Estou convencida de que eles não estão na verdade.

Marcham, no entanto, para ela a passos largos. O decadentismo do Alfredo Pimenta, apesar de todo o seu talento, já não tem razão de existir. Hoje não há tempo para sofrer. A vida intensa, a vida dinamica da hora, roubou-nos a dôr, secou-nos os olhos... E' preciso ser forte. E' preciso ir procurar beleza na linha dum trasatlantico, nas ferragens trepidantes duma «gare»... A imagem da borboleta a esvoaçar sobre uma flôr é uma imagem pobre, uma imagem mesquinha, quando nos lembramos dum avião a pairar sobre a Torre Eiffel...

—Não há talvez razão para desprezar as borboletas que esvoaçam sobre as flores, que conseguem ser aviões, como sabem e podem... Permita-me outra pregunta. Os «Bailes russos» exerceram alguma influencia sobre a sua Arte?

—Certamente. Nenhum artista se póde furtar á influencia dos «Bailes russos»... A Arte de hoje não póde dispensar, no mesmo abraço, a côr, o movimento, a musica...

—Qual a fase dos «Bailes russos» que mais a interessou? A fase clássica, com «Cleopatra», Shehezerade, Thamar, ou a fase «Poupée», a fase «Massiné», com o «Sol da noite», as «Mulheres de bom humor», o «Pássaro de fogo»?

—Talvez a primeira. E' mais preocupada, mais séria, mais premeditada. Nos bailes russos da primeira fase há uma tristeza funda, o pressentimento duma hora que há de vir. Nos bailes russos anda a gerar-se uma época nova...

—O meu entusiasmo vae para os «Balles russos» de Massine. Há neles uma alegria que me infantilisa, que me dá olhos novos, em cada hora, em cada minuto... Eu não compreendo a tristeza na Arte. A Arte é uma felicidade. A pena com que escrevo é uma grande alegria...

—Admiro-lhe essa fé, esse entusiasmo, essa teimosa mocidade... No entanto, cautela, meu amigo... Olhe que póde encontrar a casca de laranja...

—Não a temo... As cascas de laranja que eu encontro no meu caminho são todas descascadas por mim... Não as receio...

—Não diga isso... Esse entusiasmo, essa fé, essa confiança em si, fazem-me recordar uma conversa que tive no Palácio de Belem com Sidónio Paes—esse Parsifal «raté» da nossa decadencia. Tambem ele me falava assim, com a mesma certeza, com a mesma fé a iluminar-lhe os olhos. Apontei-lhe, timidamente, a possibilidade da casca de laranja... Ele sorriu como se eu lhe tivesse falado do Papão... E, entretanto, a minha profecia cumpriu-se. A casca de laranja, dessa vez, foi um tiro de pistola...

—Mais vale ser Parsifal, mesmo «raté» —do que ser um «raté» sem chegar a ser Parsifal...

Soou a hora do chá, a hora loira, a hora liquida, a hora que se bebe... Veva de Lima faz-me o elogio do pão com manteiga, do pão saudavel, do pão amigo intimo dos nossos dentes... Sinto-me de acôrdo com Veva de Lima. Eu tambem adoro o pão com manteiga, não pelo pão, mas pela manteiga, não pelo corpo mas pela sua maquilhagem...

Veva de Lima, que lembra, ás vezes, nas suas preferencias, a inglezinha da «Ville des Cloches» do «Lys Rouge» do Anatole, fala-me da sua colécção de caixas de musica, mostra-me o ultimo exemplar, uma caixa de musica, disfarçada em tabaqueira, d'onde nasce um pássaro a cantar, a cantar uma «ária» ingénua, uma «ária» do tamanho dum anel...

Veva de Lima fala-me ainda com entusiasmo do pintor Eduardo Viana, esse grande pintor que anda a pôr letras luminosas na fachada da pátria.

São horas do poeta desaparecer, de dar lugar, outra vez, ao jornalista.

—O *Diário de Lisboa* não dispensa o seu retrato. Lisboa precisa de ter um retrato seu...

Veva de Lima graciosamente defere o meu pedido. Entrega-me o seu retrato, recomenda-me que não o coloque em parte alguma, de pernas para o ar, que não lhe faça doer...

Retio-me, finalmente, retiro-me, saudoso daquela hora-gondola. O portão da casa de Veva de Lima fecha-se sobre mim, como um pano de bôca que desce sobre o final dum acto, um acto de Bataille, da «Phaléne», talvez...

Antonio Ferro

Pinto & Sotto Maior

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo

Contas correntes em moeda nacional e estrangeira

Saques sobre o paiz e estrangeiro

Descontos e transferencias

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, L.da

CAPITAL 100:000$00

SEDE — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone 5351 C. — LISBOA

SUCURSAL EM LISBOA—(Exposições e Vendas), Rua Aurea, 146, 1.º

Secção de Livraria—Concessionaria das Bibliotecas nos Caminhos de Ferro do país. Representante dos principais editores europeus e americanos. = *Secção de Publicações*—Proprietaria das MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE, assinaturas e venda de toda a qualidade de jornais e figurinos de alta moda. Envios para a provincia. = *Secção de Telegrafia*—Proprietaria das Agencias Telegráficas, RADIO e UNITED PRESS.—*Secção de Publicidade*—Anuncios, reclames e propaganda artistica nos jornais portuguezes e estrangeiros. = *Secção Comercial*—Concessionaria da Fabrica de Lampadas Electricas HERCULES, do Porto—Ampolas para laboratorios, importação e exportação.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A Cidade

Lisboa é de todas as terras de Portugal a menos portuguesa; a Baixa é de os bairros de Lisboa o menos lisboeta. A rua do Ouro é a montra da cidade, a montra onde ha apenas amostras, retalhos, réclamos... A rua do Ouro não é mais do que um aperitivo—desperta curiosidades, abre o apetite. As mulheres que passam embrulhadas em sedas de fancaria, pintadas, postiças, fazem pensar noutras mulheres mais mulheres, mais simples, menos decorativas... As montras de brinquedos—caixas de tintas, quebra-cabeças coloridos—trazem á ideia certas cabeças loiras de bébés que não veem á Baixa...

As exposições de joias obrigam a scismar em certas mãos polidas, esguias, em que scintilam perolas, em certas mãos trigueiras, fortes, dominadoras, em que o vermelho quente, pastoso de um rubi, dá a impressão de um enorme pingo de sangue.

Lisboa é um canteiro escarlate de sardinheiras, Lisboa é apenas coerente quando ri, quando grita, quando canta a alegria de viver, a alegria maxima de viver.

No Chiado a multidão é uma mentira—a mentira da falsa civilisação. Quem quizer conhecer a cidade—esta cidade clara em que o sol toma o colorido de todas as joias—tem de entrar nas vielas estreitas dos bairros populares, tem de observar as ruas sonolentas dos bairros aristocraticos, tem de ir ás Avenidas Novas descobrir, nas «brises-bises» das janelas, no enternecido mau gosto das fachadas dos edificios, toda a psicologia ingenua, complicada e romantica das alfacinhas.

O bairro-alto é o sarcófago da raça. Nas vielas agonisa o fado, o fado português, o fado corrido, o fado que traduz a alma de Portugal, a alma meditativa, escravisada do povo. As casas do bairro-alto lembram pedacinhos de cartão, pedacinhos desarticulados, desconjuntados — caixilhos por onde o sol dificilmente se escôa—pedacinhos de cartão formado puzzle...

A Lapa, o velho bairro da Lapa, é um templo, um templo de silencio. Através as cortinas da janela adivinham-se vultos esguios, esfumados, adelgaçados, imagens doutros tempos, imagens santas, reliquias do passado. Lá fóra, na tranquilidade religiosa da rua, apenas de vez em quando a mancha loira duma bela, a mancha branca duma ama, dão a nota de vida, a nota de côr, a nota de movimento...

As avenidas novas são a consequencia dos novos ricos...

Há ali imenso dinheiro, dinheiro a rôdos, mas não há mais nada...

A Baixa é a pagina de anuncios da cidade. E há ao fundo o Tejo, sereno e calmo, impassivel e frio, é o calmante da raça, o sangue fleugmatico e aguado que se introduz nas veias da cidade, estragando, descobrindo, desnaturalisando o velho sangue rubro, o sangue quente, o sangue moço, que outrora levantou em gritos de entusiasmo e em delirios de epopeia a nobre raça da velha Lusitania.

Fernanda de Castro

UMA PAGINA DA REPUBLICA

O ultimo movimento revolucionario

Uma carta do sr. Alvaro de Castro

Do ministro da guerra, do governo Bernardino Machado, sr. dr. Alvaro de Castro, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Sr. Joaquim Manso:—Acabo de ler no numero de ontem do *Diario de Lisboa* que V. dirige, uma larga entrevista com o capitão X. Tudo o que nessa entrevista se refere á minha pessoa é absoluta e redondamente falso. Pedindo a V. a publicação desta carta, sou de V., etc.—(a) *Alvaro de Castro.*

O MOMENTO DIPLOMATICO

O "Diario de Lisboa" entrevista o ministro de Portugal em Paris sr. João Chagas

O acordo comercial com a França—A campanha que se tem feito em volta do seu nome — Uma pregunta indiscreta

"Os jornais em Portugal lançam a anarquia" diz-nos o ilustre diplomata

Subimos em elevador ao quarto andar do Avenida Palace. Lá em cima, de improviso, deparámos com o sr. João Chagas, que descia para o almôço. Fizemos a apresentação necessaria. O nosso ministro em Paris, todo de azul, chapeu claro, luvas cinzentas na mão direita, conversava animadamente com alguem, que o jornalista não chegou a conhecer.

—Qual a missão que o trouxe a Portugal?

—Venho entender-me com o governo português sobre o futuro acôrdo comercial com a França.

—Acôrdo que...

—Não é bem um acôrdo. E' um projecto de acôrdo referente a vinhos, que o actual ministerio terá que examinar.

—Poder-nos-há v. ex.ª dizer alguns detalhes?

—Não posso. Emquanto não o entregar ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, que tem estado muito preocupado com a Conferència Inter-Parlamentar de Comercio, nada mais direi.

O jornalista estranhou um pouco essa preocupação constante do sr. Melo Barreto. E estranhou, porque indo já pela segunda vez esta manhã ao Avenida Palace procurar o sr. João Chagas, da primeira, encontrara o ministro dos Negocios Estrangeiros no atrio do hotel, falando com alguns membros da Conferencia Inter-Parlamentar de Comercio. Se subisse um pouco...

Continuámos:

—Diz-se que esse acôrdo, no que respeita aos nossos vinhos, se refere unicamente aos da Madeira e do Porto. E' verdade?

O sr. João Chagas passou as suas luvas diplomaticas para a mão esquerda, olhou-nos bem de frente, com firmeza, e escusou-se a responder.

A conversa ia entrar agora em terreno dificil. Tinhamos umas preguntas a fazer. Mas que preguntas! Hesitámos entre dizê-las subtilmente, com ambages, com circumloquio e fazê-las francamente, com rudeza, em carga cerrada. A nossa subtileza, sem duvida, seria vencida. João Chagas é um diplomata e um diplomata de valor, que facil patinaria em redor do assunto. Optámos pela segunda forma. Esperámos a indignação. Ela revelaria talvez tudo, tudo quanto desejávamos saber.

—V. Ex.ª não ignora determinada campanha que um jornal de Lisboa tem feito em volta do seu nome. O que pensa sobre ela?

—Mas isso não pertence ao assunto da conversa, retorquiu o sr. João Chagas um pouco hostil.—E depois:—isso é uma questão particular, que não interessa ao seu jornal.

Não concordámos e insistimos.

João Chagas teve três frases imprecisas, três frases que nada esclareceram. Depois, esta:

—Compreende que se eu quizesse saber o que esse jornal publica, comprava-o...

O nosso ministro em Paris, irritadamente procurou então a idade do jornalista. Achou-o demasiadamente novo, isto é, demasiadamente indiscreto. Tinhamos vencido no entanto. O diplomata celebre, escusando-se, dissera uma frase, e essa frase fotografava o seu pensamento.

Depois, com o mesmo fogo franco, directo, rompemos:

—Corre que uma alta individualidade portuguesa que se encontra em Paris, não se importa de ir ocupar a sua legação.

—Mas quem diz isso!? clamou o sr. João Chagas. Ah! os jornais, os jornais, como são feitos em Portugal! Lançam a anarquia com esses boatos que nascem nos cafés e que engrossam por essas esquinas e por todos os centros de cavaco.

Esta ultima parte da conversa passava-se no *hall* do Avenida Palace. O sr. João Chagas, que se sentara e mandara sentar o jornalista, levantou-se visivelmente irritado, e, em ar de despedida, cumprimentando frio, glacial, acrescentou:

—Mas que boatos! que boatos!

A. P.

O novo governo

O chefe do gabinete do ministra da Agricultura

O capitão-tenente, sr. Carlos Pereira, foi efectivamente convidado para chefe do gabinete do sr. ministro da Agricultura, mas o seu estado de saude impediu-o de aceitar o convite, porquanto, tendo regressado de Angola há um mês apenas, necessita de repouso e tratamento, incompativeis com o exercicio daquele cargo.

Pessoal do gabinete do ministro dos Negocios Estrangeiros

O ministro dos Negocios Estrangeiros pediu ao seu colega da Marinha para ir prestar serviço no seu gabinete, o engenheiro construtor naval, Eduardo Raposo.

A oficialidade da armada cumprimenta o novo ministro da marinha

O ministro da Marinha recebeu hoje os cumprimentos da oficialidade da armada. A apresentação foi feita pelo vice-almirante Augusto Neuparth.

Os governadores civis nomeados

Até agora já estão nomeados os seguintes governadores civis: de Braga, dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria; de Coimbra, dr. José Maria Cardoso; da Guarda, dr. Joaquim Desterro de Almeida; de Faro, capitão de fragata, José Mendes Cabeçadas Junior; de Leiria, dr. Augusto Faustino dos Santos Crespo; de Evora, dr. Antonio Portugal; de Ponta Delgada, dr. Francisco Luiz Tavares; da Horta, dr. Manuel Francisco das Neves; de Viseu, dr. José Marques Loureiro, e de Vila Rial, dr. Alfredo Machado.

A saude em Lisboa e no Porto

Segundo o Boletim de Sanidade interna, no semana finda em 21 do corrente manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 8 de febre tifoide, 3 de meningite e 9 de variola, e no Porto, 3 de difteria, 1 de febre tifoide e 1 de sarampo.

Notas Mundanas

A caridade

«Rip» em S. Carlos

Por lapso, na noticia que ontem demos da lindissima festa de quinta-feira em S. Cardos, deixámos de falar nos interessantes bailados dos «genios de tentação», um dos numeros de maior realce da encantadora opereta «Rip», que foram brilhantemente dançados por um magnifico corpo de baile, formado por vinte e cinco gentis senhoras da nossa aristocracia, sendo a primeira bailarina a sr.ª D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, que foi de uma graciosidade verdadeiramente encantadora. Este numero, que estava marcado por mão de mestre, que é a distinta professora do Conservatorio D. Encarnacion Fernandez, oferecia um aspecto maravilhoso, tendo a selecta assistencia aplaudido com delirio e tendo que ser bizado. Durante este bailado fez-se ouvir dentro a ilustre cantora D. Cacilda Ortigão, que amavelmente se prestou a tomar parte. Tambem são dignos de nota especial os bailados com que abre o ultimo acto.

Antes de terminar estas notas, não queremos deixar de felicitar a ilustre comissão organisadora e em especial a sr.ª D. Beatriz Anjos Ferreira, a quem se deve, em grande parte, o exito obtido, bem como as sr.ªs D. Cacilda Ortigão e D. Encarnacion Fernandez e os srs. maestros Pedro Blanch e Alberto Sarti, Eduardo Brazão, Pedro Freitas Branco e Carlos Machado Ribeiro Ferreira, que tambem concorreram para o grandioso exito obtido pela opereta «Rip».

Como prpmetemos ontem, damos em seguida a nota da selecta assistencia, que não será tão completa como seria nosso desejo. Ao acaso recorda-nos ter visto:

Madame Padilla e filha, madame Frenca Graciano, madame de Cantille e filha, madame Wisgowich y Guelon, marquesa de Olhão, condessas de Castro e Sola, de Vila Real e de Melo, de Arnoso, das Antas, das Galveias, da Ponte, do Cartaxo, de Valenças, de Alferrarede, de Sántar, de Arge, de Vil'Alva, de Castelo Mendo, de Nova Gôa e filhas, de Sousa e filha e de Paiva, viscondessas de Maiorca, de Marco e de Alvelos, baronezas de Almeida, de St. George de Kautzow e de Almeida Santos, D. Maria Emilia Seabra de Castro e filhas, D. Maria da Natividade Meireles de Campos Henriques.

D. Maria Ana de Lencastre Ferrão e filha, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Alice Munró dos Anjos, D. Francisca Pereira da Silva (Bretiandos), D. Berta de Ortigão Ramos, D. Genoveva Mayer Ulrich, D. Sofia Ribeiro da Silva de Bragança, D. Eugenia de Melo Breyner Cabral da Camara e filhas, D. Conceição de Casal Ribeiro Ulrich, D. Branca Ferreira Pinto Basto, D. Emilia de Castelo Branco Quintela, D. Fany David em Perestrelo de Vasconcelos, D. Leonor Anjos Diniz e filhas, D. Maria de Lencastre Gil, D. Maria Inacia Moncada do Casal Ribeiro, D. Maria Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Roquette de Campos Henriques, D. Maria das Dores Correia de Sampaio Brandão de Melo, D. Maria Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Maria de Melo Breyner Andresson, D. Henriqueta Moreira de Almeida, D. Francisca da Camara Ferreira Pinto, D. Maria Luisa Luz da Gama e filha, D. Carolina de Somer Alzina de Menezes (Merciana), D. Maria da Conceição de Morais Sarmento Cohen e filha, D. Eugenia Ribeiro Ferreira, D. Maria de Oliveira Reis, D. Laura Serodio de Melo e Castro, D. Margarida Chaves Santos Silva, D. Qniteria Gil de Borja e Menezes de Melo (Santar), D. Maria Luisa Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Leonor da Camara Horta e Costa, D. Cristina Seabra Roquete, D. Tereza de Melo e Castro de Verda (Mairo)s, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Margarida Street Caupers de Bragança, D. Virginia de Abreu Caroça, D. Adelaide de Sousa e Holstein, D. Laura d'Oliveira Tenreiro Ilharco da Silveira Viana, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Maria Perestrelo d'Orey, D. Maria Isabel Perestrelo de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Henriqueta de Araujo Perestrelo de Vasconcelos e filha, D. Julia, D. Maria Domingas e D. Maria Emilia de Castelbranco, D. Albertina Diogo da Silva Teixeira, D. Amelia Rezende da Silva de Melo (Cartaxo), D. Maria Simões Anjos, D. Maria Inacia Malheiro de Vilhena e filhas, D. Carolina de Vasconcelos e Sá.

D. Eliza Guerra Berlein, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco, D. Sofia de Castel-Banco, D. Vera Ferréira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Izabel Ramos Jorge, D. Maria Augusta Pereira de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Luiza de Vasconcelos Cabral, D. Ana Pinheiro de Melo Arruela, D. Eliza Reis Torgal e filha, D. Ema de Sommer Bandeira, D. Rita Sommer Pereira, D. Beatriz de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães, D. Carlota de Vasconcelos Thompson, D. Laura Mendes de Almeida Ferraz, D. Josefa Street Caupers, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Maria Izabel de Sousa Rego Campos Henriques, D. Alice Carneiro Rebelo, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Margarida Coruche de Almeida e irmã, D. Herminia de Morais Graça, D. Maria de Serpa Pimentel Temudo, D. Maria Carolina Lobo de Avila Waddington, D. Ana de Barros de Morais, D. Daisy Cohen de Correia Bettencourt, D. Palmira da Costa e Silva, D. Cristina Cordeiro Roquete, D. Margarida Teles da Silva Roque de Pinho, D. Alice de Assis Furtado, D. Izaura Roquete, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Halia Correia Leite e filha, D. Aurora de Albuquerque Eça Leal, D. Maria da Conceição Eça Leal, D. Maria Antonia Placido de Melo Breyner, D. Adelaide Bramão, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Deolinda da Fonseca, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Maria da Conceição Roquete Campelo, D. Ana Goulart da Silveira Caldas, D. Berta Goulart Forte, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi, D. Julieta de Brissac Neves Ferreira Correia e Abreu, D. Hortense Holtreman Roquete Casanova, D. Helena de Castro Sola Pereira Lopes, D. Laura Sauvinet Bandeira, D. Sofia Buzaglo Abecassis, madame Joly, D. Clara Abduram Abecassis, D. Irene Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Emilia e D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Cristina Roquete Rebelo de Andrade, etc.

Hoje teremos a segunda recita, a qual será seguida de baile no salão nobre.

A CIDADE

NO PALACIO DE S. BENTO

Os ultimos trabalhos da 3.ª sessão plenaria

O conselho geral da Conferencia Inter-parlamentar do Comercio resolve que se reuna em Portugal uma assembleia vinicola

O sr. ministro dos negocios estrangeiros foi eleito presidente do "Bureau Internacional de Bruxelas"

Foram encerrados hoje os trabalhos da 7.ª assembleia plenaria da Conferencia Internacional Parlamentar do Comercio.

A's nove horas, reuniu o conselho geral da Conferencia, formado pelos presidentes das varias delegações que vieram a Lisboa, sob a presidencia do sr. ministro dos estrangeiros, que foi eleito para presidente do Bureau Internacional de Bruxelas. O conselho resolveu, sob proposta do sr. Melo Barreto, que se reuna em Portugal uma conferencia inter-parlamentar vinicola, a fim de tratar dos interesses dos paizes produtores de vinhos. Foi ainda resolvido, enviar ao Rei dos Belgas e ao ministro dos negocios estrangeiros da Belgica uma mensagem de saudação pela obra altamente proveitosa do Instituto Internacional de Comercio.

A 3.ª sessão plenaria

A 3.ª sessão plenaria foi aberta ás 10 e 30, sob a presidencia do sr. Melo Barreto, que usou da palavra em primeiro lugar, participando as resoluções do conselho geral. O sr. ministro dos estrangeiros foi muito aclamado ao comunicar que tinha sido eleito para presidente do Bureau Internacional de Bruxelas.

M. de Leener, professor da Universidade de Bruxelas, defendeu a segunda parte da tese sobre «Transportes», a que o dr. Vanek, representante tcheco-slovaco, fez algumas objecções.

M. Halot, senador belga, propõe que a discussão da tese seja adiada para a proxima reunião da Conferencia, visto não haver tempo para se ocuparem actualmente do assunto. Propõe ainda que sobre a materia da tese seja consultado o Comité Maritimo Internacional de Anvers, o que foi aprovado.

O sr. Eugenio Baie lê as emendas propostas pelo senador sr. Oliveira Santos, que foram aprovadas.

O dr. Henri Radziszewski, professor da Universidade de Varsovia e membro da dieta polaca, defende a sua tese sobre «Acordos comerciais», um dos assuntos a inscrever no programa da proxima conferencia. M. Paul Delombre faz algumas observações sobre a materia da tese, sendo por fim aprovadas as conclusões, que são as seguintes:

«A Conferencia recomenda aos governos:

1) Que saiam o mais depressa possivel do estado actual da ausencia de tratados de comercio ou de acordos comerciais, restabelecendo aqueles que forem caducando.

2) Que evitem nos acordos comerciais todas as questões que possam dar lugar a interpretações diversas. O acordo suplementar secreto não deve ser admitido.

3) Insiste para que os acordos comerciais concluidos sejam registados no Instituto Internacional de Comercio.

4) Para que este Instituto elabore um tipo de acordo comercial que será recomendado aos Estados.

5) Para que a clausula da nação mais favorecida seja mantida.

6) Recomenda que suprimam todas as clausulas secretas ou notorias de exportação, que possam estar em contradição com as intenções dos dois contratantes.

7) Velar tanto quanto possivel por que as tarifas fiscais não sobrecarreguem demasiado os generos de consumo indispensaveis e, em particular, as materias primas.

8) E permitir aos capitais estrangeiros que fundem estabelecimentos e empresas na mais larga escala, apoiando-se sobre uma concessão, sob a condição de salvaguardar os direitos e prescrições que existam ou possam vir a existir nos paizes em que trabalhem esses capitais.

Nesta altura são encerrados os trabalhos, pronunciando o sr. ministro dos estrangeiros um breve discurso, em que sublinha o exito da Conferencia, visto como os problemas inscritos foram estudados com o mesmo espirito de harmonia, de unidade e de solidariedade que marcou as anteriores conferencias. A Conferencia realizou a obra fecunda que se esperava da alta competencia dos seus membros, não só pelo que diz respeito ao bem estar dos paizes representados, mas ainda pelo bem estar do mundo inteiro. No momento em que declara encerrada a conferencia, felicita e agradece vivamente a todos os colaboradores que asseguraram o bom resultado dos seus trabalhos, não esquecendo o sr. Eugenio Baie, o organisador da assembleia.

O sr. Chaumet levanta-se e agradece pela França o acolhimento carinhoso que tiveram os seus colegas, em Lisboa.

Seguem-se no uso da palavra: o sr. Angelo Pavia, pela Italia, que felicita o sr. presidente pelo bom exito dos trabalhos, agradecendo a entusiastica recepção que lhes fizeram os portugueses; D. Eloy Bullon, pela Espanha, que pronuncia uma alocução vibrante, fazendo votos por uma aproximação mais estreita entre as duas nações peninsulares; *sir* Watson Rutherford, pela Inglaterra; M. Bertrand, pela Belgica; barão Naibu Kanda, pelo Japão; dr. Hhlir, pela Tcheco-Slovaquia; sr. Pavichtvich, pela Servia; e dr. Radziszewski, pela Polonia.

E' interessante frisar que, pela primeira vez, cada delegado dos paizes representados fez uso da palavra para agradecer o acolhimento dispensado pela nação em que se realiza a conferencia. Nas assembleias anteriores, um congressista era encarregado dessa missão, em nome de todos os seus colegas.

A SEMANA AGRICOLA

O exito da exposição na Tapada da Ajuda

A Associação Central de Agricultura vai entrar num periodo de actividade — diz-nos o sr. dr. Saraiva Vieira

O papel da mulher na agricultura rural — O "Diario de Lisboa" entrevista a sr. D. Maria Stella de Senna

A exposição agricola que há dias se inaugurou na Tapada da Ajuda continua a ser muito admirada, tendo recebido ontem a visita dos congressistas que vieram a Lisboa tomar parte na conferencia inter-parlamentar de Comercio. Os terrenos da Tapada, onde se dispõem as diversas secções do interessante certamen, encheram-se ontem de uma multidão de curiosos que muito apreciaram as diversas maquinas trabalhando e os tractores na faina de arrotear o terreno.

O sr. dr. Saraiva Vieira, consultor tecnico da Associação Central de Agricultura, a quem se deve em grande parte o exito da exposição, quiz ter a amabilidade de dizer ao *Diario de Lisboa* o significado da Semana Agricola, que entre nós se faz pela primeira vez:

—Há um decreto que transformou a Associação Central de Agricultura em União Central dos Agricultores. Esta transformação obriga a que se façam no paiz tres feiras anuais: a do Norte, a do Centro e a do Sul. A que se está realizando na Tapada da Ajuda é a primeira e seria mais pequena se não fosse a reunião em Lisboa da Conferencia Inter-Parlamentar.

No proximo ano haverá uma feira regional

—E quais são os projectos futuros da União dos Agricultores?

—Tencionamos fazer no proximo ano, em Lisboa, uma feira regional, em que esteja representada com os seus produtos cada região do paiz. A gente, infelizmente, não conhece muitas coisas boas que temos em casa, e, para chegar a esse conhecimento, cada pavilhão terá a indicação das regiões de origem e dos produtores. Tambem é nosso desejo fazer varias demonstrações das maquinas expostas, isto é, aquelas que puderem trabalhar trabalham. Nos anos seguintes, queremos organizar cursos rapidos, de 8 dias por exemplo, em que se aprenda praticamente a industria do vinho, do azeite, a preparação dos lacticinios, etc. Todo o nosso desejo é tornar conhecido o paiz, que agricolamente é ainda um misterio.

O sr. dr. Saraiva Vieira acrescenta:

—A Associação Central de Agricultura vai entrar num periodo de grande actividade e reatar o fio brilhante das suas tradições.

A mulher tem de tratar da casa, da horta, da capoeira, do jardim, dos doces...

Maria Stella de Senna acolheu-nos no seu gabinete de estudo com três cumprimentos amaveis, femininos, inteiramente femininos, que deixaram o jornalista um tudo-nada desapontado. F... vamos que a brilhante aluna do ... ano do Instituto de Agronomia ... ontem, pelas 15 horas, no ... sua escola, um interessa... bre o «Ensino Domest... vesse uma certa *altur*... rigosamente reivindic... nados direitos do ...

...30
...758
...dencias:
...55:301
168:265
174:957
245:596
3.644:122

vezes — confessamo-lo — são fortes em demasia.

E, nitidamente, claramente, na sua voz delicada, fulgurando donde em onde os olhos um clarão de inteligencia, a sr.ª D. Maria Stella de Senna, explicou-nos as suas ideas sobre o papel que a mulher pode e deve desempenhar na nossa agricultura rural:

—A mulher, pela sua natureza, pela sua compleição, pela sua alma, não deve afastar-se de casa e entregar-se aos trabalhos violentos da ceifa...

—Mas isso é um trabalho cheio de beleza, contestámos nós.

—E' uma ficção poetica, meu caro jornalista.

—Ficção, há de concordar que vem já das eclogas de Bernardim Ribeiro e de Crisfal e chega até nossos dias, adquirindo sempre maior beleza e maior emoção.

A nossa entrevistada discordou ainda, mas, gentilmente, continuou não repreendendo o jornalista pela sua incorrecção: contrariar uma senhora.

—A mulher tem uma missão importante a desempenhar na nossa agricultura. Por exemplo: tratar da casa, da horta, do jardim, da queijeira, da capoeira, da salga das carnes, dos doces—desses belos doces regionais, cujo fabrico se vai perdendo—e de tantas coisas uteis, delicadas, femininas, que sabe fazer.

E categoricamente:

—Ela foi feita para a casa. Estranho parecerá afirmá-lo na época que decorre. Se fôr possivel convencer disso as nossas camponesas, ter-se-há conseguido muito. E' a mulher que pelo seu apêgo ao lar, pela compreensão intima da sua missão, há de impedir o exodo dos campos.

Maria Stella de Senna ageitou a sua blusa, uma blusa flutuante, negra, com filetes doirados, buscou dos papeis uma nota da sua conferencia e diz-nos com fé, com esperança, olhos iluminados:

—Como se conseguirá realizar a melhoria das condições da vida rural e material da gente dos nossos campos, a fixação das populações á terra, o desenvolvimento das pequenas culturas e industrias domesticas; como se há de conseguir que a *fermiere* seja o que deve ser, senão por meio do ensino domestico-agricola bem dirigido, bem organisado e, sobretudo, bem ensinado?

—E, como se fará esse ensino?

—Antes de mais nada, deixe-me dizer que esse ensino deve ser acentuadamente regional. Devemos trazer para o nosso paiz, o belo exemplo das nações estrangeiras, sem destruir o que entre nós é aproveitavel. E' preciso educar as raparigas dos nossos campos, de modo a melhorar as miseraveis condições ... rais e materiais, em que até aqui ... vido.

—E que ... essa educ... quirimos.

...os refu... trega aos «Soviets» de todos

—As ... destes refugiados.

... trasladação destes refugiados a uma região mais afastada da fronteira.

O governo finlandês declarou na sua resposta, que acede aos pedidos dos «Soviets», tendo-se já realizado muitos deles. Quanto ás armas e outros bens dos refugiados, são consideradas pelo governo finlandês como garantia para o cumprimento dos compromissos economicos da Russia.—(R.).

COLONIAS

A SOBERANIA PORTUGUESA EM TERRAS DE AFRICA

Contra a desnacionalisação do territorio da Companhia de Moçambique

Ainda temos aptidões e qualidades que podem evitar que a nossa nacionalidade se torne a de aproximação menos atraente

Sr. director. — De quanto venho deixando exposto, nas minhas anteriores cartas, longe estou de haver a concluir pelo «salve-se quem puder».

Bem longe disso. Até mesmo quando atentemos em que o proprio Nietzche confessa entrar na condição do animal humano ser «a ferida o que o obriga a viver».

Por um singular paradoxo, não escasseiam ainda agora, por terras de Manica e Sofala, consideraveis elementos de apoio para a soberania portuguesa.

Dispersos, mal aproveitados, sem coesão, sim; porêm, de pêso, todos.

* * *

Entre as chamadas classes intelectuais, o que predomina ali são portugueses.

Portugueses são, como é obvio, todos os magistrados judiciais e advogados; como são portugueses, na quasi totalidade, medicos e engenheiros, oficiais do exercito e da armada.

Portugueses, na grande maioria, os chefes de serviço; e entre os funcionarios territoriais ingleses dos ultimos tempos, só ouvi apontar, como de esfera proeminente, o coronel Arnold, ao qual, aliás, se atribuia um espirito de justiça, que o deixava a coberto contra suspeitas de pronunciado chauvinismo britanico.

Tambem entre os modestos funcionarios subalternos da Companhia de Moçambique, nossos conterraneos, não poucos se contam, cujos meritos resistem ao confronto com os dos membros das diversas colonias estrangeiras.

E a verdade é tambem que, com todos os nossos defeitos de latinos e com a nossa deficiencia geral de orientação e de bagagem preparatoria coloniais, nos não faltam aptidões e qualidades de molde a evitarem que a nossa nacionalidade se torne a de aproximação menos atraente.

Exemplificando com uma nota a contrapor ao caso do joven alferes inglês referido na minha carta, publicada no «Diario de Lisboa», de 25 do corrente, registarei como me impressionava e gratamente o observar que, com o meu visinho yugo-slavo, não obstante ao serviço da «Beira Railway», nunca se dirigia aos filhinhos senão na lingua portuguesa.

A notar ainda um outro facto, aparentemente de pequena monta tambem, mas a meu ver não destituido de significado. E é que o escudo e o centavo ainda não foram desalojados da praça do mercado, nem do comercio a retalho de alguns generos alimenticios por vendedores ambulantes, na Beira.

Mas há mais.

Desalentados os sonhos mineiros, que de entrada tanto sedusiram, sobretudo a estrangeiros, a riqueza, cuja exploração ora impera no «Territorio» é a da agricultura; fonte produtiva que teve como primeiro propugnador mais evidente um oficial da armada portuguesa, a tempo em que os mal preparados pioneiros nacionais lutavam e se haviam de maneira a inspirarem, em relatorio local de há apenas um ano, o comentario: — «Mas imbuido na paralização que seguiu aos primeiros tentamens, ficou sempre um pouco daquele fermento e obstinação que irrompem com frequencia atravez da historia dos nossos desalentos».

Ao findar 1919, — não contando com os 160:000 hectares pertencentes por contracto á «Beira Railway» e cujas sub-concessões parciais são ainda mal conhecidas, — as areas concedidas definitivamente para agricultura a estrangeiros e a portugueses eram proximamente iguais. Porêm, o numero daqueles pouco excedia metade do destes ultimos concessionarios, entre os quais, aliás, há a registar, ardentes, as virtudes de iniciativa corajosa.

Como estas, a varias outras citações poderia recorrer, no sentido de patentear que não escasseiam elementos importantes, embora de mera resistencia passiva, hoje, contra a desnacionalização daquele «Territorio».

Se, postos tão valiosos e imediatos factores de esteio, por aquelas paragens, a bandeira portuguesa flutua arriante a baixo nivel, a conclusão unica a tirar é, em causa proxima, que ela vem andando empunhada por mãos de anões.

Caso é, repito, que, não obstante tantos utilisaveis elementos nacionais, o fermento, que mina a nossa soberania, vai alastrando por ali.

As fontes deste mal são, por sem duvida, multiplices, complexas e de quilate a só poderem ser descriminadas nitidamente por espirito mais esclarecido, melhor versado em sciencias politico-administrativas, com aplicação ao mundo colonial e que, não se iludindo com a feição mais em evidencia dos acontecimentos, melhor penetre atravez das suas relações e modificações.

Erros, por certo, que de longe vêm — consoante a frase historica, já hoje tornada celebre.

O que fica desde já como incontroverso é que, — por aquela larga concessão magestatica que, entre Zambeze e Limpopo, desde a costa maritima até á fronteira para os dominios britanicos, separa em três grandes facções a nossa Provincia de Moçambique, — não se tem empenhado esforço por aproveitar melhor a população indigena, aproximando-a de nós; procurando, a um tempo, elevar-lhe o nivel moral e infiltrar-lhe o reconhecimento da superioridade da nossa civilisação, por meio de politica progressivamente utilitaria, repassada de culto pela soberania portuguesa. Sistematicamente postergado o — «Étatisme forcé» — caracteristico de uma dominação inter-tropical, os melhoramentos materiais, que constituem a mais palpavel e convincente justificação dos sacrificios por parte do povo dominado, reduzem-se a pouco mais do que a uma via ferrea estrangeira, da qual não dimana (como demonstrei em carta de 5 do corrente), senão desprestigio para o nome português.

Nem se tem promovido a emigração metódica da metropole; nem sequer a actividade da stilação nacional tem sido orientada para ali, ou ali acarinhada e acolhida com favor que anime a timidez dos nossos compatriotas. Nem se tem sabido coordenar e imprimir conexão, em convergencia patriotica, ás iniciativas individuais que por ali vêm lutando.

Em contraposição, são ali consentidas a estrangeiros praticas amesquinhantes da soberania portuguesa e que só podem excitar os indigenas contra ela.

E, no entanto, não é isto porque não tenham passado numerosos dos nossos homens de Estado pelo conselho de administração da Companhia de Moçambique, em Lisboa. Mas não menos inconteste que, em resumo, tem sido posto á margem o principio basilar residindo em que: «as colonias são da metropole e para a metropole».

E foi por assim o ter reconhecido, que me abalancei a trazer a publico a dura situação que deixo desenhada, mediante citação de factos e de algarismos, na arreigada convicção dos perigos emanantes de se persistir em guardar, morbida, a indiferença da velha divisa da orthodoxia economico-optimista de Gournay.

«Laissez faire...!»

De V., etc. — *Coronel A. Granger.*

PROVINCIAS

Em Móra

Revista de inspecção

Móra, 25

Efectuou-se no preterito domingo, 22, a revista de inspecção ás praças licenciadas e territoriais.

Rixa entre dois povos

No mesmo dia 22, devido a rixas antigas, envolveram-se em desordem os rapazes das visinhas vilas de Cabeção e Pavias, na ocasião em que se encontravam nesta vila, onde vieram á revista.

Da contenda resultou ficar ferido com uma facada nas costas um dos contendores de Cabeção e com as cabeças partidas três dos de Pavia. Valeu o não se ter dado mais alguma desgraça, a intervenção da Guarda Republicana, que compareceu no local, a qual foi duma grande coragem e de muita prudencia, efetuando contudo quatro prisões, cujos presos seguiram hoje para a comarca de Montemor-o-Novo.

A chuva e a agricultura

Tem sido muito beneficiada a agricultura com as ultimas chuvas, das quais muito aproveitaram os trigos, que se encontram de lindo aspecto.

Os batatais temporões é que nada beneficiaram, tendo aproveitado os batatais serodios, milhos, etc. As ceifas vão continuando, ainda que lentamente, devido ao tempo ter refrescado bastante.

As vinhas e olivais encontram-se de lindo aspecto.

Aquisição de azeite

O celeiro municipal acaba de adquirir azeite para o consumo desta localidade e Brotas, que deve chegar até a proxima colheita.

Deve-se a sua aquisição ao esforço do sr. dr. Mexia.

Em Constancia

O edificio escolar

Constancia, 26

A quem competir lembramos a urgencia que existe em mandar pintar, pelo menos, o exterior das janelas e portas do novo edificio escolar, pois está tudo a apodrecer por falta de tintas. Com este pequeno serviço evitar-se-hia um prejuizo avultado.

Funcionarios publicos

Pedem-nos os funcionarios recenseadores para lembrarmos a quem competir, que, apesar de terem entregue no praso legal o seu serviço, ainda até hoje não receberam a gratificação a que teem direito.

Administrador do concelho

Pediu a demissão de administrador deste concelho o sr. João Lopes Godinho. Ficou-o substituindo o sr. Antonio Pirão, presidente da comissão executiva da camara municipal.

Construção de estrada

No dia 9 de junho proceder-se-ha na administração deste concelho á arrematação da 5.ª empreitada de construção na estrada nacional n.º 16, do Barreiro á Fronteira, no lanço da Ribeira da Coutada ao Arrepiado. A base de licitação é de 4.970$00.

Cooperativa de consumo

Com um numero de socios superior a 100, inaugurou-se ha dias, em Montalvo, uma cooperativa de consumo, á qual foi dada o nome de Cooperativa Montalvense.

Inspecção militar

Realisa-se no proximo domingo a revista de inspecção aos individuos que não foram militares.

N.º 10 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 28-5-921

Português dos velhos tempos

Novela por Aquilino Ribeiro

V

O homem deita-me o rabo do olho e muito na sua compostura—estou a vê-lo de botas altas á Frederica, jaleca curta de alamares, um chapéo branco de muita aba, com um vergalho sob o braço, alto, garboso, que era moço alentado e bem parecido, mete pelo meio da ciganada e some-
da vista. «Hum!—funguei eu—o
...ito eremita! Estás a pregá-la».
Uma cara a feira do linho, e vou-
Do ministro da guerra, do ôro dum
Bernardino Machado, sr. dr. ...u a dar
Castro, recebemos a seguinte ... sô-
gostosamente publicamos:

Sr. Joaquim Manso:—Acabo de ler no numero de ontem do *Diario de Lisboa* que V. dirige, uma larga entrevista com o capitão X. Tudo o que nessa entrevista se refere á minha pessoa é absoluta e redondamente falso. Pedindo a V. a publicação desta carta, sou de V., etc.—(a) *Alvaro de Castro.*

Olhe que tambem lhe doi com'a nós.

—Apanhou ele e apanha você...

—E porquê, se não fica mal preguntar?

—Porque sim! Você é o pedaço dum velhaco...

Dei-lhe um salto á garganta mais ligeiro que um gato e em menos dum amen estava tombado no chão e eu de joelhos sobre ele mesmo na arca do peito... Varreu-se-me a vista e já a faca ia no ar quando me seguraram o braço.

Apartaram-nos... e mais valeu. Dorido, envergonhado, mais amarelo que a cêra, mesmo assim foi-me dizendo:

—Se és homem, ó Malhadas, vem á feira de Lamas, na quinzena...

—Pois não faltes, que eu não falto! nem que o diabo dê um estoiro...

E assim foi. Fui pondo a minha vida em ordem e, na vespera de Lamas, pedi ao sr. abade para me ouvir de confissão. A Brizida, já porque tives-
... rumores do desafio, já porque me
pre... mais salamurdo do que é do meu
... poso. ... concluiu que de alguma em-
A oficialidade ... se tratava e á noitinha
ta o novo h... a jornada?
O ministro da ... menina, buscar sal.
os cumprimentos ... atanças, e não há
mada. A apresentaç...
almirante Augusto N... nesses povos.

—Homem, não sejas trapaceiro. Tu vais mas é a Lamas encontrares-te com o Tenente da Cruz com quem andas despicado...

—Eu?... Eu?... Quero lá nada com semelhante pirata?! Nem a bem nem a mal.

—Lembra-te que tens mulher e filhos...

—Pois é por essas e outras que não quero meças com ele. Terçã o parta lá longe, que ha-de morrer a dar couce.

Na alva, lavei-me, aprontei-me e voltei á cama dizer adeus á mulher e dar um beijinho na menina. Assim que vi a inocente a dormir mais quietinha que um anjo, veio-me um soluço aos gorgomilos e, sem querer, desabafei:

—Adeus! Talvez nunca mais vos torne a ver.

Que tal disseste? Brizida agarrou-se a mim a chorar:

—Homem da minha alma que me enganas. Tu não vais para Aveiro?!

—Vou, minha santa, vou.

—Não vais... vais para Lamas e diz-me o coração que não voltas...

—Vou para Aveiro... os caminhos são compridos... há assassinos pelas encruzilhadas...

—Para que dizes que talvez não nos tornes a ver?

—Por isso mesmo... maneira de falar que a morte é certa e a hora incerta.

—Jura lá!

E jurei, que antes quebrar a palavra por bemquerer que quebrá-la por cobardia.

A cavalinho no macho, trupe, trupe, foi-me nascer o sol para lá do Vouga, á vista dos carvalhais de Lamas. Estava uma manhã muito clara, estas manhãs do outono em que o bom tempo parece arrancar com ganas ainda de se ter. E, palavra, com o céo assim, com a terra toda a revessar alegria, é preciso fazer força de animo para caminhar para a morte. Mas é o que Deus quer e avante. Chego á feira, que já estava toda em movimento, os cortadores a esfolarem as rezes, o ferrador a ferrar, os burros a zurrar, os fidalgos a passear de cá para lá, uma chocalhada de sons, uma algazarra de vozes, que dizem que o negocio bate o ange, chego á feira e num lance de olhos descubro o Tenente da Cruz com uma roga valente para me matar.

—Boa vai ela—pensei eu—quanta mais gente melhor que menos caem no chão.

(*Continúa*)

NO ESTRANGEIRO

NÚMEROS CURIOSOS

O actual custo da vida em França

A opinião autorizada do sr. George Mans

A liberdade de comercio, as tabelas e uma experiencia de seis meses

A imprensa francesa, seguindo o exemplo da imprensa americana que se colocou energicamente ao lado do povo para obter a baixa de preços, apresenta diariamente ao publico numeros eloquentes e opiniões de pessoas categorisadas ácerca do caminho a seguir para se entrar enfim nos preços normais.

Observa-se que o comerciante francês é como o português: há o que se contenta com um ganho legitimo, há o que fez do comercio um meio legal e seguro da roubar *honradamente*.

Vejamos os numeros que nos apresentam as nossas informações de Paris: Uma casa vende lençois a 53 francos que noutra custam 74; um serviço de mesa custa numa 35 e noutra 59; a lã custa 7 fr. 90 num lugar e noutro 11 fr. 75 e noutro ainda 13 fr.

O sr. George Mans, presidente da associação dos comerciantes retalhistas deu as seguintes informações:

—Reconheço que todos os esforços se devem fazer para baixar o preço da vida. E' certo que há comerciantes que procuram realizar um lucro exagerado, contudo a dificuldade da baixa de preços provem dos entraves ao comercio.

O sr. George Mans é pois um partidario do comercio livre de que temos tido tão tristes experiencias, como aliás com as tabelas: ou vendem pelo preço que lhes convem, ou fazem desaparecer os generos.

Damos uma lista de baixas de preços de 1920 para hoje, segundo as informações do sr. George Mans:

1920—panos brancos, 4 fr. 25; hoje, 2 fr. 95; fato de homem, 175 fr.; 98 fr.; camisas de zefir, 27 fr.; 19 fr.

E acrescentou:

Poderia multiplicar estes exemplos indefinidamente, tomados em casas serias que se contentam com o legitimo beneficio.

Aquele artigo 10 da lei de 20 de Abril de 1916 é um grande entrave; a liberdade de comercio devia ser decretada.

Há o receio da especulação; mas tambem um remedio: o de uma experiencia de meses de liberdade completa. Ao fim desse tempo seria aplicada uma pena rigorosa aos que opuzessem á baixa uma resistencia que é um crime.

EM ROMA

A' volta da missão russa

ROMA, 28

Assevera-se nos meios politicos que na entrevista celebrada entre o ministro italiano de negocios estrangeiros, Conde Sforza, e o presidente da missão russa, sr. Voroski, chegou-se a um acordo em virtude do qual a missão russa continuará em Roma.—(R.).

A REUNIÃO DE LONDRES

A construção de navios de guerra

O que se tem feito na Inglaterra, na França e na Italia e o que se não faz na America do Norte

LONDRES, 28

A imprensa inglesa frisa que emquanto na Inglaterra, na França e na Italia se não tem construido nenhum navio de guerra de grandes dimensões, os Estados Unidos estão pondo em execução o seu grande programa naval, e o Japão está tambem executando um programa consideravel embora modesto, comparado com o americano. Neste momento em que os primeiros ministros do imperio britanico estão reunidos em Londres para discutir assuntos navais é quando o senado americano aprovou as suas resoluções tendentes a criar para os Estados Unidos uma armada formidavel. Dependia de um claro entendimento entre as nações que as finanças dos varios paizes fossem aliviadas dos enormes encargos que lhes acarretam os seus orçamentos navais.—(R.).

UM PROJECTO EM ESTUDO

A situação financeira da Austria

A comissão de finanças da Sociedade das Nações continua o exame do projecto do governo austriaco

LONDRES, 28

A Comissão financeira da Sociedade das Nações continuou o exame dum projecto financeiro que o governo austriaco entregou aos delegados da dita comissão durante a visita que estes fizéram a Viena para estudar os creditos da Austria.

Examinaram-se em primeiro lugar as garantias que o governo de Viena está disposto a conhecer para os emprestimos que obtiver no estrangeiro. Estas garantias referem-se especialmente ás rendas de procedencia determinada e, sobretudo, aos monopolios de tabaco e alfandegas. Alem disso, as fortunas particulares e imoveis seriam agravadas com um imposto que representa a 4 % do seu valor antes da guerra como garantia subsidiaria dos compromissos da Austria.—(R.).

UMA ESTATISTICA

O consumo mundial de algodão

O RELATORIO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TECELÕES

Portugal consumiu 14:612 balas de algodão proveniente de: 6:970 balas da America do Norte, 57 das Indias inglesas, 88 do Egito e 7:497 de regiões diversas

O relatorio da Federação Internacional dos tecelões de algodão, comunica que o consumo mundial de algodão diminue. O facto não tem nada de extraordinario, dada a crise da industria textil nas regiões libertadas, na Alemanha e em muitos países que trabalham o algodão. As cifras de consumo durante seis meses até 31 de Janeiro de 1921, segundo o relatorio, são as seguintes (em balas):

PAÍSES	Algodão americano	Indias inglesas	Egito	Regiões diversas	Total
Grã-Bretanha	995:084	21:366	138:286	42:339	1.197:075
França	251:368	27:497	19:938	17:428	316:231
Alemanha	265:038	99:473	9:290	19:279	393:080
Russia			750	520:000	520:750
Italia	277:812	101:571	10:836	3:748	393:976
Tcheco-Slovaquia	76:726	15:173	1:290	1:748	94:934
Espanha	138:000	34:500	6:920	1:150	180:570
Belgica	62:725	49:848	689	886	114:148
Suissa	28:824	3:934	8:969	196	41:923
Polonia	7:187	1:244	443	629	9:503
Australia	13:182	12:530	618	420	26:750
Suecia	31:308	1:462		13	32:783
Holanda	38:421	13:468		1:474	53:363
Portugal	6:970	57	88	7:497	14:612
Finlandia	14:877	30	50	3	14:960
Dinamarca	8:037			120	8:154
Noruega	4:164	87		43	4:294
Indias	597	931:056	1:774	2:063	935:490
Japão	273:249	585:015	5:751	36:984	900:999
Estados Unidos	2.221:000	5:000	58:000	36:000	3.320:000
Canadá	68:880		2:118	450	71:457
Mexico	1:377			17:109	18;486
Brasil				49:156	49:150
Outros países	250	5:000	5:200	2:308	7:758

As existencias na mesma data eram as seguintes, conforme as procedencias:

Algodão da America	2.055:301
Indias inglesas	1.168:265
Egito	174:957
Diversas procedencias	245:596
Total	3.644:122

RUSSIA E ESPANHA

Vitorino Lillo e a Russia Vermelha

A situação actual e a opressão dos tsares

A politica usada com os socialistas de Barcelona é uma politica cega

Cada um dos homens que vai á Russia, quer entusiasmado com a revolução quer para obter de *visu* dados verdadeiros, volta impressionado com o espectaculo desolador e opressivo e não poupam censuras á tirania proclamada em nome da libertação.

Quando os homens que falam assim são homens como os srs. de los Rios, Anguiano e D. Vitorino Lillo, partidarios entusiasticos do socialismo, as suas declarações tomam um ar profundo e tragico e convidam todos os impensados comunistas a meditar sobre o fim a que os levará a sua cegueira, se continuarem absorvidos apenas por sentimentos de odio e destruição.

D. Vitorino Lillo foi á Russia não como enviado do partido socialista, mas por sua iniciativa particular, arrastado pela simpatia que lhe conquistou desde principio a revolução da Russia Vermelha.

E observando o que ora vai em Espanha afirma ao governo que a politica de opressão espanhola usada com os socialistas de Barcelona, é uma politica cega, de quem desconhece o problema e que pode levar a resultados fatais.

Os soviets na Russia, são compostos de membros comunistas; umas vezes presididos por um delegado da confiança de Marconi, outros por um eleito de entre os seus membros; sempre porém, há um enviado secreto de Moscou em comunicação com o soviet central.

Apresenta o quadro desolador da Russia e fala dos execessos cometidos por toda a parte.

Compara a situação actual com a opressão dos tsares e acaba por concluir que a tirania roxa deixa a perder de vista a tirania do imperio.

Exigencias dos "soviets,, ao governo filandez

Os compromissos economicos da Russia

HELSINGFORS, 28

O representante dos «Soviets» nesta capital fez ao governo finlandês as seguintes exigencias:

1) O desarmamento geral dos refugiados de Kronstadt.

2) Entrega aos «Soviets» de todas as armas destes refugiados.

3) Trasladação destes refugiados a uma região mais afastada da fronteira.

O governo finlandês declarou na sua resposta, que acede aos pedidos dos «Soviets», tendo-se já realizado muitos deles. Quanto ás armas e outros bens dos refugiados, são consideradas pelo governo finlandês como garantia para o cumprimento dos compromissos economicos da Russia.—(R.).

O PÃO

—"Nada está resolvido sobre os novos tipos" — diz-nos o sr. ministro da agricultura

Nada há, por emquanto, resolvido sobre o falado decreto que altera o regime do pão em Lisboa, creando novos diagramas e novos preços—informa-nos o sr. ministro da agricultura, sr. dr. Sousa da Camara.

Varias reuniões tem celebrado, ou antes tentado, a comissão encarregada de estudar o projecto de lei em questão. Mas acontece que os srs. parlamentares que deviam assistir—porque a comissão precisa do seu parecer—tem até agora brilhado com a sua ausencia. De sorte que os outros—«...os outros, e isso póde lá dizer no seu jornal, estiveram trocando impressões...»

A' hora a que abandonamos o ministerio da agricultura chegavam alguns elementos delegados pela Associação dos Operarios Panificadores, que desejavam ser recebidos.

Reunião da comissão que vai tentar atenuar o "deficit" do seu fornecimento

A comissão encarregada de estudar a forma de atenuar o «deficit» resultante do fornecimento de pão, reuniu-se ontem sob a presidencia do sr. ministro da Agricultura, trocando-se impressões ácerca dos trabalhos realizados até agora. Não compareceram os parlamentares que fazem parte da comissão, apesar de terem sido convidados. A comissão volta a reunir-se hoje.

Os padeiros insistem pelo aumento de salarios

Uma comissão delegada de operarios panificadores procurou ontem, no governo civil, o chefe do distrito, a quem manifestou o desejo de que os salarios dos seus camaradas sejam aumentados. Estiveram presentes delegados da «Portugal e Colonias» e da «Aliança», que notaram a falta de representantes das padarias independentes, sendo a todos dada a resposta de que as reclamações dos padeiros serão prontamente atendidas, logo que seja publicado o decreto referente a este assunto.

Fusão de partidos

Está positivamente posta de parte a ideia da fusão dos dissidentes e reconstituintes com os liberaes, que a não aceitam.

Contando com o apoio dos democraticos e, segundo afirmam—com o da maioria do paiz—não querem que no seu partido ingressem determinados elementos.

Os reconstituintes e dissidentes pretendiam, com a fusão, evitar a dissolução do Parlamento, o que já não é possivel, não só pelos compromissos tomados pelo chefe do Estado, mas ainda porque os democraticos a desejam no mais curto prazo de tempo.

Festa de beneficencia na Legação de Espanha

A' «verbena» de beneficencia que se devia realizar nos jardins do palacio de Palhavã (Legação de Espanha), no proximo dia 30, ficou adiada para quinta-feira.

Condessa de Vinhó e Almedina

Missa do 8.º dia

Realizou-se hoje pelas 11,30 na igreja de Loreto, uma missa sufragando a alma da senhora Condessa de Vinhó e Almedina, mandada resar por um grupo de senhoras, á qual assistiram alem do Conde de Vinhó, e de toda a familia enlutada, grande numero de pessoas das relações da ilustre extinta.

Na segunda-feira realiza-se na igreja da Conceição Nova, pelas 11 horas, uma missa com o mesmo fim, mandada resar pela Liga de Acção Social Cristã, havendo no final «Libera-me» cantado por senhoras.

O rendimento das alfandegas do continente e ilhas

As alfandegas do continente e ilhas renderam em Setembro ultimo, escudos 3.267:799$66; mais 1.779:705$13 que em igual mês de 1919.

Ultimas Noticias

APÓS O "ULTIMATUM"

O cumprimento do Tratado de Versailles

A Alemanhã pagará hoje vinte bilhetes de tesouro de dez milhões de dolars

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»

LONDRES, 28

A Alemanha pagará hoje em Paris vinte bilhetes de tesouro de 10.000:000 de dollars, cada bilhete é endossado pelos grandes bancos alemães.

Do total da quantia que os alemães teem a pagar 80.000:000 são pagaveis em Nova York e 60.000:000 em Paris e Londres.—(U. P.).

Melhora a situação na Alta Silesia

Embarque de mais dois batalhões inglezes

LONDRES, 28

A situação na Alta Silesia durante as ultimas vinte e quatro horas tem sido calma. Em breve embarcarão da Inglaterra dois batalhões que se unirão aos quatro que partiram do Reno.—(U. P.).

EM ALEXANDRIA

Um incendio destroe dez milhões de algodão

LONDRES, 28

Em Alexandria um incendio destruiu cerca de 10.000:000 fardos de algodão, existentes num entreposto do governo. (U. P.).

A boa vontade da Alemanha

Importantes declarações do dr. Wirth

LONDRES, 28

O dr. Wirth, chanceler alemão, dirigindo-se aos homens politicos de Baden, disse que só acções podem convencer o mundo da boa vontade da Alemanha. O mundo confia no restabelecimento economico da Alemanha e nós devemos confiar em nós mesmos e nos principios da obra de reconstrução, declarou o chanceler.—(U. P.).

A redução dos armamentos navais

Uma conferencia entre os Estados Unidos, Inglaterra e Japão

LONDRES, 28

O Senado americano aprovou por unanimidade a moção do senador Borah, que pretende que o Presidente Harding convoque uma conferencia entre os Estados Unidos, Inglaterra e Japão com o fim de reduzir os armamentos navais.—(U. P.).

As quedas de agua do Rodano

Economia de 6 milhões de toneladas de carvão

LONDRES, 28

O Senado Francês aprovou uma lei autorizando uma grande companhia a aproveitar as quedas de agua do Rodano, o que se julga poupará seis milhões de toneladas de carvão.—(U. P.).

Os aliados e os Estados-Unidos

O triunfo dos nacionalista

LONDRES, 28

Os resultados para as eleições do Parlamento Norte da Irlanda deram um resultado decisivo a favor dos nacionalistas. Foi eleito apenas um deputado unionista; o sr. J. Devlin.—(U. P.).

As eleições para o parlamento irlandês

Durante a guerra a America emprestou aos aliados 10:000 milhões de dolars

LONDRES, 28

Uma mensagem de Washington declara que as dividas contraidas pelos aliados nos Estados Unidos durante a guerra, numa importancia aproximada de 10:000 milhões de dollars, será consolidada este ano.—(U. P.).

NA AFRICA DO SUL

Aventuras de um bando de israelitas

150 mortos

CAPETOWN, 28

Um bando de fanaticos, israelitas, que teem perturbado seriamente a ordem e causado apreensões ao governo da Africa do Sul, foi desalojado do seu acampamento, proximo de Queens Town, pela força armada, tendo tido 150 mortos.(U. P.).

A demolição da cidade de Rosemberg

LONDRES, 28

Os polacos começaram a demolição sistematica da cidade de Rosemberg, por se verem obrigados a abandoná-la, e contra-atacaram no saliente criado pelo avanço alemão de domingo ultimo.—(U. P.).

"Diario de Lisboa"
—JORNAL DA TARDE—
Vende-se em todas as tabacarias e quiosques

JOIAS
de bom gosto tem á venda a firma
BARRETO & GONÇALVES, L.da
(JOALHEIROS)
R. Eugenio Santos, 17

Conferencia Inter-Parlamentar do Comercio

(Continuação da 5.ª pagina)

O regimen convencional da bacia do Zaire

Foi discutida pela comissão respectiva, na sessão de ontem e aprovada na sessão plenaria de hoje, a seguinte proposta apresentada pelo ilustre senador independente, capitão sr. Oliveira Santos:

«La Conference exprime le voeu:

A) Que dans les pays intéressés par le trafic commercial á travers les frontières terrestres en Afrique, ou est en vigueur le regime special du Bassin conventionnel du Congo, soit adopté parmi eux et en harmonie avec les benefices comuns resultant de cette convention, les artères terrestres, fuviales ou maritimes les plus convenables aux relations commerciales de ces pays.

B) Que les ports d'Angola, sous le regime du haut Commissaire portugais, soient en voie d'assurer une reguliére circulation des marchandises parmi les pays qui jouissent des avantages de la Convention precitée et encore entre ces ports et les autres ports portugais de l'Atlantique.»

Na Sociedade de Geografia

A sessão solene em honra dos congressistas estrangeiros

A' hora de fecharmos a ultima página, está-se realizando na sala «Portugal», da Sociedade de Geografia, uma sessão solene em honra dos congressistas estrangeiros que tomaram parte na Conferencia Internacional Parlamentar de Comercio, com a assistencia do sr. presidente da Republica, governo, corpo diplomático e membros das duas casas do Parlamento.

Os congressistas devem visitar em seguida o Muzeu Colonial, onde lhes é oferecida uma merenda, confeccionada com produtos coloniaes.

O programa de ámanhã consta de uma excursão a Cintra e Cascães. Os representantes estrangeiros partem ás 13 horas, em comboio especial, para Cintra, e ás 16 para Cascaes e Estoril, onde se realiza um jantar e festa nocturna, oferecidos pela «Sociedade Estoril».

A corrida de touros de ámanhã

Com um surpreendente programa efectua-se ámanhã, na Praça do Campo Pequeno, uma corrida de touros promovida pelos amadores srs. D. Carlos Mascarenhas e Francisco de Oliveira, e dedicada aos delegados estrangeiros que actualmente estão tomando parte nos trabalhos da Conferencia Interparlamentar de Comercio.

Para este espectaculo, escolheram os promotores um magnifico curro de dez touros, nas propriedades do abastado «ganadero» Francisco da Silva Victorino. Os lidadores são os seguintes:

Cavaleiros, D. Alexandre e D. João de Mascarenhas e Roberto de Vasconcelos, espada; o apreciado matador Alejandro Saez «Ale», que num dos touros alternará com os promotores; bandarilheiros, D. Carlos de Mascarenhas, João Azevedo Coutinho, Francisco de Oliveira, D. Pedro de Bragança (Lafões), Artur Alves Ribeiro, Muñoz Crespo e Joaquim Durão (Golegã) que se estreia em Lisboa.

O grupo de forcados é constituido por destemidos rapazes de Santarem. São eles os seguintes: Antonio Abreu, (cabo), Serra e Moura, Benjamin Jardim, Fernando Vasconcelos, José M. Antunes, Joaquim Aguiar e N. N.

A corrida é dirigida pelo antigo amador D. José de Mascarenhas e João Azevedo Coutinho executará a arriscada sorte de D. Tancredo depois do que bandarilhará e pegará o touro. Os lidadores serão coadjuvados pelos nossos melhores artistas.

Supremo Tribunal Administrativo

Foi assinado um decreto negando provimento ao recurso n.º 16:792, interposto pelo sr. dr. Martinho Nobre de Melo, que se julgou prejudicado nos seus direitos por ter sido nomeado vogal efectivo do Supremo Tribunal Administrativo, o sr. dr. Mesquita de Carvalho.

CAMBIOS

	Compra	Venda
Londres cheque	6 1/4	6
« 90 dias	6 1/2	—
Cambio-Rio s/Londres	8 1/4	—
Paris	823	855
Italia	525	547
Belgica	823	855
Suissa	1740	1880
Madrid	1290	1340
Berlim	157	161
Holanda	3430	3530
New-York	9880	10000
Desconto do Banco de Inglaterra	6 1/2	—
» mercado livre	—	—
» do Banco de França	—	—
» Banco de Portugal	7 0/0	—
Libras	40000	42500
Agio do ouro	811 0/0	850 0/0